

Nordeste revisto

27 JUL 1998

As últimas pesquisas analisadas pelo presidente Fernando Henrique Cardoso mostram que sua candidatura à reeleição voltou a crescer muito no Nordeste. A recuperação é avaliada de maneira especial pelo comitê de campanha porque, quando houve aquela queda rápida e acentuada, em fins de maio, foi também no Nordeste onde os índices caíram mais.

E é justamente o Nordeste a região que está recebendo um tratamento específico nos estudos que servirão de base à elaboração do plano de governo para um eventual segundo mandato. O senador Antônio Carlos Magalhães, líder do principal partido da parceria que conduz a campanha do presidente, o PFL, considerado o partido nordestino por excelência, afirma que a proposta para o Nordeste não pode deixar de incluir uma mudança profunda e radical na Sudene, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.

As melhores cabeças para ajudar na elaboração de um plano específico para a região, na opinião de ACM, são as do senador Beni Veras, do PSDB do Ceará, e do ministro da Previdência, Waldeck Ornelas, do PFL da Bahia. Ornelas, que em estudos feitos recentemente analisou as perspectivas de desenvolvimento da região, afirma que o principal instrumento da economia nordestina é um resíduo do passado e deve ser eliminado: São os incentivos fiscais. Uma política nova para a região, a seu ver, teria que ser formulada a partir da criação de eixos de desenvolvimento que incluam todos os setores, inclusive o da agricultura.

Segundo o ministro, há uma mancha de cerrado a demonstrar a viabilidade de um plano como este na região. Já está ocorrendo a expansão da produção de grãos, e com os projetos de irrigação, em andamento, será possível conseguir melhores resultados nas áreas produtivas. Outros ramos da economia que podem receber impulso são o da indústria e o do turismo. A indústria, segundo estes estudos, está ganhando uma dimensão crescente no Nordeste. "Essas coisas é que vão dar viabilidade ao Nordeste", afirma.

A pobreza emerge na hora da seca e fica esquecida quando chove. Mas é ela que joga para baixo os índices de desenvolvimento humano do Brasil que, segundo os últimos dados das Nações Unidas, têm melhorado, mas não tanto como teriam se não fosse a situação precária na região. O Nordeste concentra 29% da população do Brasil e 50% da pobreza. Uma estratégia de desconcentração espacial da economia atingiria a estrutura dos problemas.

Uma mudança nesta relação só será possível, segundo Ornelas, com nova política de desenvolvimento na qual a Sudene não tenha mais lugar porque já não tem presença sequer na concessão de incentivos. O modelo de comando do processo será ainda construído, afirma Waldeck Ornelas. "E o instrumento resultará das políticas a serem adotadas."

Verdes e Ciro

Alfredo Sirkis, candidato a presidente da República pelo Partido Verde, reclama, a propósito de debate aqui apresentado sexta-feira, o reconhecimento de uma diferença que considera fundamental entre os partidos nanicos e as candidaturas por eles lançadas e o seu caso.

Diz que não gostaria de ser confundido com os demais porque o PV "tem um acervo de realizações" e ele próprio "uma biografia". Explica que saiu da coligação com o PPS e PL, destinada a sustentar a candidatura de Ciro Gomes à presidência porque ali não havia espaço para as questões que interessam ao PV.

"O Ciro tem um discurso já elaborado, fechado, pronto, que repete exaustivamente, em que não cabem adendos." Segundo afirma Sirkis, o candidato do PPS não se interessava por incluir o desenvolvimento sustentado e outras teses do seu partido no espaço da candidatura.

Criticou ainda as alianças "pragmáticas" que Ciro começou a articular. "Já era complicado para nós a absorção do PL de São Paulo, malufista, quando tivemos que assistir ao esforço do Ciro para ter o apoio do PTB." O candidato resumiu o estágio em que se encontra sua campanha: tenta, pessoalmente, arrecadar contribuições e acredita que, embora os empresários sejam também pragmáticos, existem setores da economia — como o do gás natural, da energia solar, dos equipamentos antipoluição, das obras de saneamento, do reflorestamento — que terão interesse em apoiar o debate sobre as teses do Partido Verde. Além disso, o candidato participa de reuniões de criação do programa para o horário de propaganda gratuita da televisão e de discussão sobre o programa de governo, que já tem um esboço na Internet.

O presidente do PPS e candidato a vice-presidente na chapa de Ciro Gomes, senador Roberto Freire, tem interpretação um pouco diferente da apresentada por Sirkis para o que houve entre os dois partidos. Segundo sua versão, o problema do PV é que seus líderes queriam usar o tempo de TV para fazer propaganda e não para disputar a eleição. "Quando a gente começou a discutir que tinha que buscar alianças, e com uma visão bem pragmática, o PV disse muito concretamente: vocês estão numa lógica de querer disputar a eleição, a gente quer fazer propaganda."

Segundo Freire, não tinha mais cabimento entrar numa eleição para fazer propaganda do partido. "Isso eu já fiz em 1989. E fiz bem, acho que superamos grandes preconceitos." Agora, seria o momento de apresentar um projeto para o país e aí, afirma Freire, a lógica é diferente. Mas faz uma ressalva: "O PV saiu bem, não teve briga. Continuamos achando ainda que o PV é algo importante porque é agenda do futuro."